

Quem tem medo das emoções?

¿Quién teme a las emociones?

Who's Afraid of Emotions?

Samária Andrade

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professora de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Coordenadora do Grupo Trabalho e Mídia: Teoria e Praxis Noticiosa (Trampo - UESPI). Pesquisadora do grupo Observatório do Jornalismo e associada ao Grupo COMUM, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3170-7602>. E-mail: samaria.andrade@hotmail.com.

Submetido em: 15 maio 2023

Aprovado em: 29 jan. 2024



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

Resumo

Por que, mesmo presente em conceitos marxistas clássicos, as emoções são muitas vezes negligenciadas como categoria de análises válida para a compreensão de questões sociais? Esse estudo discute motivos para um distanciamento dos estudos das emoções e aponta uma direção das ciências humanas que emerge desde os anos 1980 e discute uma "virada afetiva" nas pesquisas. O objetivo é contribuir com a reflexão do campo da Comunicação, em especial da Economia Política da Comunicação (EPC), numa época em que a análise do agir social e dos objetos é levada a não prescindir da crítica dos afetos.

Palavras-chave: Emoções; Ciências humanas; Economia Política da Comunicação; Vínculos; Afetos.

Resumen

¿Por qué, incluso estando presentes en los conceptos marxistas clásicos, las emociones son muchas veces negligenciadas como categoría de análisis válida para la comprensión de cuestiones sociales? Este estudio discute razones para un alejamiento de los estudios de las emociones y señala una dirección de las ciencias humanas que emerge desde los años 1980 y discute un "giro afectivo" en las investigaciones. El objetivo es contribuir a la reflexión del campo de la Comunicación, en especial de la Economía Política de la Comunicación (EPC), en una época en que el análisis del actuar social y de los objetos es llevado a no prescindir de la crítica de los afectos.

Palabras clave: Emociones; Ciências humanas; Economía Política de la Comunicación; Vínculos; Afectos.

Abstract

Why, even though present in classic Marxist concepts, are emotions often neglected as a valid category of analysis for understanding social issues? This study discusses reasons for a distancing from emotion studies and points to a direction in the humanities that has emerged since the 1980s, discussing an "affective turn" in research. The goal is to contribute to the reflection in the field of Communication, particularly in the Political Economy of Communication (PEC), in an era when the analysis of social action and objects is led to not do without the critique of affects.

Keywords: Emotions; Human sciences; Political Economy of Communication; Bonds; Affections.

1. Introdução

Com o avanço capitalista, a ascensão do modelo neoliberal e a valorização de ideias de racionalidade, produtividade e otimização de tempo/dinheiro nos mais diversos campos, a categoria de análise “emoções” conformou-se a objeto de estudo em áreas como Psicologia e foi, progressivamente, ficando à margem em campos das ciências humanas e sociais e em estudos que poderiam requerê-la, como a Economia Política da Comunicação (EPC). O curioso é que as emoções não foram ignoradas por pensadores clássicos caros à EPC - ainda que grande parte destes não tenha usado terminologias como emoções, afetos, sentimentos.

Depois do que podemos pensar como uma lacuna entre clássicos e estudos mais recentes, pesquisas das ciências humanas e sociais têm recuperado uma atenção para a categoria emoções e revelado uma “virada afetiva” (Lordon, 2015) – assim chamada por reconhecer as emoções como objetos de investigação relevantes nos fenômenos sociais. Dessa forma, especialmente uma Sociologia, uma Antropologia e uma Filosofia das emoções experimentam crescimento desde as décadas finais do século XX.

O campo dos estudos da Comunicação também vê a emergência de pesquisas que observam as emoções. Parte dessas pesquisas tem investigado efeitos e influências em fenômenos recentes, notadamente os que envolvem política e usos da internet, plataformização do trabalho e agentes dotados de grande capital. No entanto, é preciso observar outros ângulos mais fluídos e reconhecer as emoções como dados não certos de instrumentalização, que circulam, são constituintes dos fenômenos humanos, inerentes aos processos e estão presentes mesmo quando não se fala delas. Este é o viés que interessa a este estudo. Dessa forma, observamos a existência de um componente emocional essencial que impregna arenas e fenômenos sociais e da comunicação.

Para apresentar as ideias desse estudo, nos fundamentamos em pesquisas que apontam uma direção renovadora das ciências humanas ao interrogar o agir social e processos do mundo do trabalho a partir da observação das emoções. Essa abordagem tem reunido pesquisadores de disciplinas diferentes sob um paradigma interpretativo e pragmático com estudiosos de várias áreas e diferentes partes do mundo (Enriquez, 1999; Hall, 2005; Scheff, 2006; Cefäi, 2005, 2009, 2011; Dahlgreen, 2011; Lordon, 2015; Bernard, 2015, 2017; Safatle, 2016; Le Cam; Ruellan, 2017; Ahmed, 2017; Honneth, 2018; Dosse, 2018; Campello, 2022).

A abordagem que valoriza as emoções permite recuperar, segundo Dosse (2018), o que tinha sido posto de lado por uma perspectiva excessivamente quantitativa nas pesquisas, devolvendo o lugar à experiência vivida. Mesmo nos estudos de EPC é possível supor que análises excessivamente rígidas tenham deixado de convocar as emoções nas pesquisas. Isso nos conduz ao interesse de tentar compreender o que explicaria essa espécie de lacuna nos estudos.

Nas últimas décadas e de modo mais visível a partir dos anos 1980 abordagens que consideram as emoções promovem investigações que observam vínculos sociais e afetos diversos em agrupamentos, tipos de engajamentos e na realização de atividades. Essa ideia apresenta a novidade de revelar uma dimensão afetiva operando e fazendo agir.

Esta pesquisa discute sobre os motivos pelos quais as emoções foram negligenciadas (mesmo não tendo sido ignoradas em estudos clássicos – como dito). Para abordar essa questão, refletimos sobre a ideia de oposição entre razão e emoção, fundamentados numa contextualização histórica e ultrapassando a falsa pureza racional/emocional. Em seguida discutimos o desenvolvimento de estudos das emoções e como eles têm se apresentado nas ciências humanas e sociais, trazendo à tona conceitos como utilitarismo e vínculos sociais. O objetivo é contribuir com a reflexão numa época em que a crítica social e dos

objetos de comunicação não consegue prescindir da crítica das emoções.

Antes de prosseguir, salientamos que alguns estudos distinguem os termos emoção e afeto, havendo uma prevalência de uso deste último em pesquisas mais recentes, não sem o risco de sua banalização. A distinção emoção/afeto nos primeiros estudos tendeu a adotar a perspectiva de que as emoções são construídas social, cultural e historicamente, enquanto os afetos são naturalizados, materiais - circulam em corpos biológicos, como sensações corporais, em parte inconsciente (Vandenberghe, 2017). Esta pesquisa está de acordo com Ahmed (2017), que não considera a separação analítica entre emoções e afetos. Para a estudiosa, essa separação seria uma falácia opositiva cultura/natureza que não se revela produtiva.

2. Razão e emoção

Norbert Elias (1990) localizou na repressão aos sentimentos um elemento chave na constituição da civilização moderna desde o final do século XVIII e a partir do século XIX, quando a emoção passa a ser reprimida no indivíduo, tornando-se algo privado e secreto. Para o autor, as bases da sociabilidade da chamada civilização moderna avançaram por meio de uma "conspiração do silêncio" (1990, p. 151), impondo exigência de autocontrole e postura reservada perante as emoções. Assim, a modernidade confinou na pessoa suas emoções, banindo-as do social.

Na perspectiva de Elias não faz sentido pesquisar os seres humanos apenas do ponto de vista de suas atividades econômicas ou políticas, por exemplo, ou percebê-los tão somente como produtores de ideias ou depósitos de emoções, distintamente. O autor recusa a compartimentação de pessoas e sociedades em categorias rígidas e especializadas. Para ele, o indivíduo não é independente das relações nas quais se encontra inserido e é, no entrelaçamento de vínculos constantes que ele se transforma no que é, afetado pela rede social, existindo na relação com os outros (Kirschner, 1999).

Assim, "o processo civilizador" (Elias, 1990), ao reprimir as emoções no indivíduo, instalou uma falsa separação entre razão e emoção. Essa distinção está na base da concepção moderna de ciência, com a valorização da razão, apoiada em ideais cartesianos para determinar as regras do pensamento científico.

Ao longo do século XX, nas diversas ciências, os estudos foram embasados na busca de categorias puras e em ideias que levaram a superestimar a razão e negligenciar as paixões, tendendo a considerar a emoção como conceito distinto da razão e mesmo em oposição a esta (Scheff, 2006; Dahlgren, 2011; Ahmed, 2017). A separação racional/emocional justificou que as emoções conteriam traços de desordem e irregularidades, prejudicando o julgamento e incapacitando ou contaminando a ação, enquanto a racionalidade seria fundamental para que se tivesse propriedade sobre a ação. Estava instituído, assim, o fetichismo de uma vida eficaz e produtiva, baseada na razão. O binário razão/emoção foi incorporado à cultura ocidental, tornando-se popular na literatura, cinema, publicidade.

Cefäi (2009) considera que as teorias da ação racional e da mobilização dos recursos, ao dominarem grande parte do pensamento no século XX, colonizaram o modo de pensar e instituíram uma abordagem pobre de estudos, que tende a reduzir as iniciativas a cálculos de interesse, tendo força explicativa para certo número de situações, porém, tornando-se limitada e insuficiente em muitos casos. "Quem triunfou e colonizou essa literatura foi a retórica da economia, do empreendimento e do empreendedor, da estratégia de rentabilização de interesses predeterminados e de capitais disponíveis" (Cefäi, 2009, p. 12).

Para Herscovici, Bolaño e Mastrini (2000) a convivência com o “sucesso” das ideias neoliberais justificam os argumentos em favor do mercado e inibem diagnósticos críticos. Eles argumentam que esses diagnósticos, embora não tenham falhado, viram-se superados pelo êxito de ideias neoconservadoras. Essas ideias, em geral, são mais entusiasmadas em relação ao mercado e com pouca ou nenhuma crítica aos processos de mercantilização e outros, próprios do capitalismo.

Bolaño ainda defende que o neoliberalismo é uma ideologia característica da crise e colabora para o aprofundamento desta, ao pôr em declínio a ideia de Estado – na verdade nunca ausente, mas organizando, ele mesmo, sua aparente retirada enquanto abre espaço para o protagonismo de outros agentes.

A ideologia neoliberal respalda justamente a política de redução dos gastos sociais e enxugamento do Estado. Esse acaba assumindo a aparentemente inesperada função (crucial, diga-se de passagem) de organizar sua própria retirada, definindo, através de suas políticas, quais serão os perdedores. Assim, o Estado continua sendo o lócus fundamental para a construção da hegemonia. É ele que assume, de fato, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso na implementação do chamado projeto neoliberal (Bolaño, 2002, p. 5).

A história do liberalismo clássico, com a promessa de realização individual e projetos de vida, teve amplas reservas ao papel que emoções poderiam cumprir numa teoria política (Campello, 2022). Renovadas pelo neoliberalismo desde a segunda metade do século XX, as ideias dominantes de mercado valorizaram a otimização de recursos-tempo-dinheiro, facilitando a disseminação da premissa racional. Para Cefäi (2009, p. 25) “o fetichismo do *homo economicus* põe em curto-circuito a dimensão cultural, desvalorizando símbolos, imagens, identidade e emoções”.

O *homo economicus* recebeu a chancela do campo científico numa sociedade em busca do progresso, mas as concepções notadamente neoliberais também foram alvo de críticas. Estudiosos da EPC, em seu viés crítico, questionam a ideia de racionalidade e neutralidade do mercado. Contra isso insistem nas análises que observam o poder do capital e desigualdades – de acesso, produção, circulação. Bolaño (2008, p. 73), ao observar uma sobrevalorização das entidades produtoras, programadoras e distribuidoras culturais e o entrelaçamento destas com o funcionamento dos mercados, afirmou: “A compreensão do fenômeno das corporações voltadas para a comunicação deve ser encarada considerando a larga articulação entre comunicação midiática e capitalismo avançado”.

As concepções neoliberais também receberam críticas de estudos que apontaram que as atividades econômicas não são motivadas apenas por interesse material, individual ou corporativista, mas também incluem preocupação com laço social (Polanyi, 2000; Cefäi, 2005, 2009, 2011; Sabourin, 2011). Polanyi (2000) fala em socioeconomia e argumenta que reduzir as ações e a compreensão sobre elas a mercado e controle da chamada livre iniciativa é reduzir os próprios princípios do agir econômico, que são múltiplos e concomitantes, a apenas um deles: o da lógica do interesse próprio e otimização dos meios pela máxima da utilidade.

Progressivamente passaram a ser levados em consideração estudos que valorizam formas diversas de engajamentos, experiências e regimes de ação. Engajamento, aqui, se refere ao estado do sujeito que se sente mobilizado a participar de alguma causa, evento, atividade (Dahlgren, 2011). Bastos (2020) chama a atenção para o fato de estar se difundindo, como senso comum, uma interpretação do termo “engajamento” restrito a reações e interações entre instituições e usuários da internet, como sinônimo de performance de uma página ou publicação conforme métricas do ambiente on-line. Esse autor busca contribuir com uma compreensão dialética, crítica e marxiana do conceito de

engajamento. Assim, após discutir o termo segundo vários autores, define engajamento como a vinculação social, afetiva e gustativa – sendo essa uma concepção mais útil para os fins dessa pesquisa. “Ao definirmos engajamento como a vinculação social, afetiva e gustativa, a construção de engajamento requer a construção de vínculos sociais, afetivos e gustativos” (Bastos, 2020, p. 203).

Cefäi (2009) localiza nas décadas finais do século XX a tendência de certas organizações e movimentos sociais não mais se encerrarem em formatos centralizados e hierarquizados, tornando-se mais reticulares ou policentrados. Para o autor, essa tendência aponta para a adesão sob aspectos não-rationais e para um novo ativismo político, que mobiliza questões morais e impulsos emocionais e reconhece as paixões como motivação nas ações, não sendo isso fator de ilegitimidade para uma ação. Seguindo essa linha, muitos estudos vão rejeitar a ideia de rompimento entre razão e emoção e apontar que, ao contrário, razão e emoção estão interconectadas (Cefäi, 2005, 2009, 2011; Scheff, 2006; Dahlgren, 2011; Lordon, 2015; Ahmed, 2017).

Defendendo essa interconexão, Dahlgren (2011) alega que afetos como violência e agressão nunca são exclusivos da emoção, mas estão também na razão. Igualmente crítico da ideia de que a dimensão racional possa ser purificada é Safatle (2016). Ele argumenta que “há algo da crença clássica na separação necessária entre razão e afeto a habitar hipóteses dessa natureza. Como se os afetos fossem, necessariamente, a dimensão irracional do comportamento político” (Safatle, 2016, p. 21).

Considerando-se as questões até aqui discutidas, vê-se que a valorização do racional contra o emocional, difundida com o avanço do capitalismo, aponta suas origens desde o processo civilizador da era moderna. A distinção razão/emoção foi depois incorporada no desenvolvimento das chamadas ciências modernas e sua busca de categorias puras. O modelo neoliberalizante, ao promover ideias funcionalistas-administrativas- produtivistas, valorizou as premissas racionais, deixando à sombra o emocional – ainda que este nunca tenha sido suprimido. Todos esses aspectos ajudam a compreender porquê a categoria de análise “emoções” foi, em grande parte, desconsiderada como fenômeno sociológico válido para a avaliação de questões sociais.

Um outro motivo foi a dificuldade de se fazer a ligação entre corpo teórico, dados empíricos e aporte metodológico de modo a constituir uma pesquisa com validade científica, o que levantou desconfianças, especialmente em torno da questão de que método(s) utilizar para alcançar e explorar as emoções a fim de produzir uma teoria confiável (Ahmed, 2017).

Nas últimas décadas, no entanto, estudiosos têm ultrapassado essa dificuldade e apresentado pesquisas e metodologias que expandem o campo das emoções (Scheff, 2006; Safatle, 2016; Ahmed, 2017; Le Cam; Ruellan, 2017; Campello, 2022). A tendência desses estudos é serem interdisciplinares, com contribuições da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, Filosofia.

3. Ciência das emoções

A emergência dos estudos das emoções deu origem a uma área conhecida como Sociologia das Emoções. A socióloga estadunidense Arlie Hochschild está entre as pioneiras desse campo, com obras como *The Managed Heart: commercialization of human feelings* (1983), em que cunhou o termo “trabalho das emoções”. O estudo observou aeromoças, focalizando o aprendizado do controle dos sentimentos operado por estas no desenvolvimento de suas atividades. Nesse momento, a emoção era observada a partir do ponto de vista da sua administração.

Hochschild também contribuiu ao relacionar sentimentos a fatores e contextos sociais, afirmando que estes não estavam isolados no interior das pessoas. Suas pesquisas têm influências de Goffman e de Freud (Bonelli, 2004).

O reconhecimento da emoção nos ambientes de pesquisa provocou, desde o início do século XXI, uma reabilitação da afetividade (Bernard, 2017) e viu surgirem termos como “virada emocional”, “virada afetiva”, “giro emocional”, com estudos que enfocam o comportamento de grupos, como diferentes emoções emergem e o que podem provocar (Scheff, 2006; Lordon, 2015; Ahmed, 2017).

Lordon compara a história das ciências sociais a um caminho na montanha, onde uma volta sucede a outra, para afirmar que depois da virada linguística, da volta hermenêutica e da volta pragmática, “surge, então, a volta emocional – e subitamente não parece hilário que essa coisa há muito ignorada seja finalmente considerada” (Lordon, 2015, p. 8).

Nessa volta emocional, muitos estudiosos passam a recorrer a emoção em seus estudos. Cefäi (2009, p. 31) defende que a afetividade é o que garante nosso contato com os outros e com as coisas, “e o que nos mantém unidos as situações, nos situando nelas”. Para Dahlgren (2011, p. 87) a emoção estabelece ligação entre as pessoas e permite compreender a participação em ações políticas, uma vez que é preciso superar obstáculos na passagem da discussão à ação. Hall (2005) lembra o significado do termo apático: “sem *pathos*”, ou seja, sem emoção, para se referir ao cidadão resignado e desinteressado da vida social.

Historicamente há diferentes abordagens para compreender emoções. Estudos como em Spinoza (2007) ou em Descartes (1998), organizam os afetos em pares opostos como medo/esperança, alegria/tristeza, prazer/dor, amor/ódio. Outros preferem pensar em complementaridade (Safatle, 2016). Há estudos que falam em afetos positivos e negativos ou usam como terminologia afetos alegres e tristes (Dahlgren, 2011; Lordon, 2015), estando entre os positivos a solidariedade, por exemplo, e entre os não-positivos, o ódio, medo, sendo todos significativos para consolidar relações.

Para Freud (1976) não há afetos a serem esquecidos, pois eles podem ser sempre transformados. Safatle (2016, p. 18) esclarece que “para Freud podemos fazer com o desamparo coisas bastante diferentes, como transformá-lo em medo, em angústia social, ou partir dele para produzir um gesto de forte potencial liberador”. Assim, a emoção não é um estado solidificado, mas algo que não cessa de se modificar, sendo marcada pela ambivalência, de acordo com a relação com o mundo. Safatle (2016) ainda defende que todas as transformações sociais não devem ser pensadas apenas como modificações nos modelos de circulação de bens, mas como modificações na estrutura dos sujeitos, nos regimes de suas economias psíquicas e nas dinâmicas de seus vínculos sociais.

Para uma análise via emoções é importante ainda que não se perca de vista que os espaços não são puros: tanto a racionalização é também um modo de controle social, mais moderno e sutil, exercido pelos resultados mais facilmente demonstráveis, quanto as emoções não são exclusividade de uma interpretação mais humanista para os fenômenos, podendo ser instrumentalizadas. Mesmo que o modelo econômico neoliberal administrativo pareça mais próximo de explicações racionais e quantitativas e, em tese, evite uma explicação via emoções, ele também recorre aos afetos como dispositivos de otimização de produtividade ou como método de controle. Para Illouz (2011, p. 37), “a esfera econômica, longe de ser desprovida de sentimentos, tem sido, ao contrário, saturada de afeto, um tipo de afeto comprometido com o imperativo da cooperação e com uma modalidade de resolução de conflitos”. Illouz (2011) cunhou o termo “capitalismo afetivo” e exemplificou como afetos circulantes em sociedades capitalistas neoliberais o medo de ser excluído, de não ser bem sucedido como sujeito econômico e a insegurança em relação a uma iminente degradação econômica.

Dito isso, não se ignora a possível tentativa de se utilizar as emoções de forma instrumental e retórica com o objetivo de unir pessoas ou incentivá-las à ação. Porém, é importante dar ouvidos a Ahmed (2017) quando ela questiona uma visão funcionalista das emoções, argumentando que estas se constituem em objeto complexo, sobre o qual intervêm processos desordenados, nem todos facilmente reveláveis, uma vez que nem sempre os sujeitos sabem como se sentem ao tentar articular consciente e inconsciente.

Ao questionar uma visão instrumental das emoções, Ahmed (2017) não está dizendo que estas não tenham uma função. Antes disso, está alertando que reduzir sentimento a função simplifica as emoções ao supor que estas são regidas por interesses definidos de antemão. Para a estudiosa, quando um sentimento se converte em instrumento não significa que algo esteja sendo criado a partir do nada, mas que algo está sendo criado a partir do que já existe: uma sensação, um sentimento, uma emoção.

3.1 Que método e objeto nos estudos das emoções?

A visibilidade que o estudo das emoções passou a ter, revelou uma heterogeneidade nas formas de definir e apreender o objeto “emoção” bem como uma discussão sobre que métodos de estudo seriam mais adequados, deixando à mostra tensões entre diferentes abordagens e programas de pesquisa. Os estudos têm avançado na articulação de perspectivas macro e microssocial, premissas teórico-metodológicas variadas e uma filiação interdisciplinar.

Bernard (2015) aponta uma perspectiva relacional, que tome por base a ideia de que a emoção é uma ação sobre o mundo que provoca reações. Note-se que o autor observa a emoção como uma “ação” – e uma ação que não se encerra em si, pois provoca “reação”. É dele também a ideia da existência de um tecido social emocional, podendo a emoção agir tanto como cimento social ou, ao contrário, estimular conflitos (Bernard, 2017).

Os estudos que entendem a emoção como elemento articulador de ações vão se apresentando em disciplinas distintas como Antropologia, Sociologia, Estudos Literários, Comunicação, com resultados diferentes dos gerados pela Psicologia.

Dentro da Comunicação, o subcampo do Jornalismo tem se voltado mais recentemente ao estudo das emoções, ainda que parte das pesquisas continue observando utilizações mais instrumentais da emoção, constituindo, assim, uma forma mais estrita de pensar sobre o tema. Le Cam e Ruellan (2017) se queixam de uma ausência de estudos sobre o vínculo e a parte emocional da atividade jornalística, que pouco é explicada. Tentando diminuir essa lacuna, eles investigam o apego à profissão, tentando compreender a que jornalistas se apegam, o que amam em sua atividade, o que lhes faz ter gosto pelo jornalismo.

Podemos inferir que aquela ideia de oposição cartesiana entre racional e emocional das ciências modernas foi adotada pela prática jornalística. Le Cam e Ruellan (2017) argumentam que o jornalismo faz a separação razão/emoção ao pregar um trabalho objetivo, onde as emoções estão ausentes, simplificando a complexidade e heterogeneidade do trabalho e contribuindo com a produção de análises com resultados muitas vezes distantes da atividade real. Só recentemente o Jornalismo começa a ser visto e a se olhar sob o prisma da emoção, tanto na prática como nos estudos.

Tentando compreender o envolvimento de jornalistas em atividades estressantes da profissão – como os repórteres de guerra, por exemplo-, Le Cam e Ruellan (2017) observam que nem tudo o que acontece é doloroso, mas pode ser também motivo de alegria, criar oportunidades de sentido, ser motivo de realização de vínculos. Os autores defendem que as emoções operam como forma de vínculo dos jornalistas ao trabalho,

podendo substituir normas ou leis, sendo intrínsecas ao exercício da profissão, parte do que a atividade proporciona, constituindo-se em motivo e meio para que jornalistas exerçam suas atividades.

O aumento recente de interesse pelas emoções em vários campos de estudo, segundo Greco e Stenner (2008), se deve a confluência de múltiplos fatores e ocorre concomitantemente ao crescimento de interesse por agendas relativas aos temas da justiça, meios de comunicação, política, negócios, educação e sistemas de saúde. Dosse (2018) acrescenta a esse contexto uma situação de dupla crise no pensamento social – quer seja a partir da ideia de mão invisível do mercado, quer seja por meio da onipresença do Estado – o que facilitou a busca de compreender o que fundamenta o vínculo social e desencadeou uma maior atenção aos microvínculos e interações.

Ahmed (2017) fala em uma socialidade das emoções, entendendo que estas não estão nem no individual nem no social, mas circulam. Ela esclarece que, ao pensar esse caminho, não está oferecendo um modelo como contágio, como se a emoção passasse de um a outro, pois correria o risco de transformar a emoção numa propriedade. Enquanto isso, a estudiosa explora as emoções como algo que se move, por meio da circulação dos objetos, que se tornam saturados de afeto, sendo as emoções espaços de tensão pessoal e social.

Essa forma de enxergar as emoções compreende-as não como objeto possuído (o meu amor/ódio) ou que possui (fui tomado por amor/ódio), não como substâncias transferíveis (eu lhe dou/ofereço o meu amor/ódio), nem apenas como processos fisiológicos dos quais o corpo retém o segredo, mas toma as emoções como relações em que importam o contexto e os atores nos quais e entre os quais as emoções se manifestam. Ainda é importante destacar que enxergar a emoção como algo interior, privatiza e encobre sua dimensão pública e papel na vida social.

Para Ahmed (2017) os estudos das emoções devem olhar com criticidade o que chama de excesso de celebração da mobilidade dos sujeitos, uma vez que estes continuam dependentes tanto de atribuições institucionais e sociais alheias as suas vontades como dos capitais econômicos e culturais concretos. Essa ideia dialoga com o que Marx aponta sobre o comportamento e ação dos indivíduos condicionados pelos acontecimentos e contradições da sociedade onde vivem, o que resultou na famosa formulação: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 1986, p. 17).

Ao afirmar isso, Marx (1986) não está aprisionando o homem, mas concebendo a práxis como atividade humana prático-crítica em que natureza e sociedade podem ser modificadas pelo homem, expressando, assim, o poder do homem de transformar o ambiente. Ahmed (2017) não nega certo determinismo nas relações sociais, mas também enxerga essas relações como abertas a dissonâncias. E nessas dissonâncias, a emoção joga papel importante.

Todas essas questões contribuem para refinar o debate sobre objetos de estudo e metodologias de pesquisa em emoções. Um caminho metodológico que tem sido usado é aprofundar a investigação de emoções específicas e, a partir delas, explorar suas ramificações. Esse método, utilizado por Scheff (2006) e Ahmed (2017), confirma o quanto as emoções são diversas e se transformam.

4. Vínculos sociais e reciprocidade

Estudar emoção é investigar tanto o que move as pessoas, o que as mobiliza, como tentar

compreender o que as conecta umas às outras e a isto ou aquilo. Ou seja: o que as vincula. Os espaços sociais são arenas de trocas e conflitos propensos à formação de vínculos diversos. Uma corrente proeminente dessas relações recebeu o nome de utilitarismo, que tende a julgar a ação humana quanto as suas consequências “úteis” (Gaiger, 2016). Para o utilitarismo, basta que se pague um valor monetário e fica-se quite, numa relação que não precisa criar laços. O utilitarismo equaciona dívidas e evita a contração de relações que extrapolem os laços iniciais, escapando dos vínculos.

Porém, os engajamentos em ações coletivas e arenas públicas não têm por razão declarada apenas voltar-se para um lucro econômico, político ou mesmo simbólico, não sendo somente o gosto por dinheiro, poder ou prestígio que tem a capacidade de mobilizar as pessoas (Cefäi, 2011; Sabourin, 2011). Motivos também podem ser: senso de responsabilidade e solidariedade, recusa a injustiças sociais, preocupação com o bem público, indignação contra negligências e desejo de participar de assuntos públicos (Polanyi, 2000; Cefäi, 2011; Dahlgreen, 2011).

Seguindo um caminho perturbador para a ideia utilitarista, o vínculo social, definido por Gaiger (2016, p. 10) como “a arte de manter relações como meio de viabilizar a vida”, é um fenômeno que recorre aos afetos: amor, fascinação, sedução, solidariedade. Ou seja, enquanto o mercado e modelo utilitário são baseados na liquidação da dívida, o vínculo social é baseado na manutenção da “dívida” (de um outro tipo, que não financeira) e expectativa de reciprocidade. Para o vínculo social, deixar “dívidas em aberto” é permite oportunidades de contato e constituição ou reafirmação de laços.

Os estudos sobre vínculos sociais enxergam um tecido social entrelaçado por afetos, onde forjam-se identidades, estilos de vida e disposições para a ação, ainda que esses vínculos possam ser temporários (Polanyi, 2000; Gaiger, 2016). Ao basear-se em reciprocidade - em detrimento da autonomia individual - como o mecanismo capaz de sustentar a ligação entre as pessoas, os vínculos sociais nutrem as relações e são capazes de gerar valores como amizade e responsabilidade, que garantem modos de estabelecer possíveis contrapoderes (Sabourin, 2011). Para que a reciprocidade se estabeleça e o vínculo social se manifeste, as relações se revelam intercaladas por emoções.

Mauss (2003) concebeu a dádiva como forma de circulação material e sobretudo simbólica de bens e serviços impulsionada por qualquer prestação efetuada sem garantia de retorno, com o fim de alimentar o laço social e objetivo de criar e alimentar o vínculo entre as pessoas. Nessas condições, os bens não valem por sua utilidade (valor de uso) ou por seu preço (valor de troca), mas porque criam e alimentam a relação interpessoal (valor de vínculo). Para Mauss (2003) a dádiva alimenta os vínculos sociais e deve ser percebida não como ato isolado, mas como um ciclo com três momentos: dar-receber-retribuir. O utilitarismo isola como único momento o receber e coloca os indivíduos como movidos pela única tentativa do recebimento, desprezando as relações de interdependência.

A dádiva foi estudada por Mauss (2003) como própria de sociedades arcaicas. Suas contribuições, embora importantes, muitas vezes foram descartadas ao se estudar regimes de associações atuais. Caillé (2002) atualizou o paradigma da dádiva de Mauss e propôs que esta não é exclusiva das sociedades primitivas, mas pertence a nosso mundo moderno. Esse autor defende que na reciprocidade, na verdade, a gratuidade é aparente, pois o que é ofertado deve custar um preço - não um preço liquidado em dinheiro, mas, por exemplo, com entrega de tempo ou habilidade do que se pode fazer em/pelo grupo. Assim, a perspectiva da reciprocidade pode ser entendida não como uma bondade desinteressada, mas como um mecanismo sofisticado que permite a formação e continuidade de vínculos.

Conceitos como dádiva e reciprocidade encontram resistências num cenário marcado por neoliberalismo e privatização, onde compromisso mútuo simbólico e corresponsabilidades

perdem importância. No entanto, a renovação dos estudos defende que, nas sociedades contemporâneas, a reciprocidade assume várias formas - inclusive dando lugar a reciprocidades positivas, negativas, simétricas, assimétricas. Estudos também destacam a emergência de formações alternativas a modelos hegemônicos onde se observam atividades não motivadas apenas por interesse material individual ou corporativista, mas que incluem preocupação com a satisfação das necessidades dos outros ou com a manutenção do laço social, das relações humanas e das necessidades do conjunto da comunidade (Sabourin, 2011).

Ainda é bom que se diga que jogar luzes sobre as emoções que circulam nas relações sociais não significa idealizar essas relações ou romantizar os estudos. A ideia de vínculos sociais comporta uma perspectiva crítica em relação a motivação nas ações, que não deixa de perceber tensões, resistências dos enredos instituídos, incerteza de alianças, riscos dos vínculos se deteriorarem ou contradições em atuações possivelmente altruístas.

É possível apontar que no modelo mercantil há a liberdade de sair de uma relação com facilidade – liberdade apoiada na liquidação da dívida, uma vez que a troca se completa por si e a relação é pontual, resultando num vínculo frágil. Enquanto isso, no modelo da reciprocidade, a troca é voltada a se perpetuar, como num pacto, sendo também fonte de tensões (Caillé, 2002; Godbout, 2002). Esse jogo de trocas, que Godbout (2002) chama de endividamento mútuo positivo, implica em algum tipo de privação nas trocas, mas também em ganho recíproco, que pode ser constantemente renovado.

As práticas de reciprocidade também não estão livres de climas de rivalidade e de afetos como a inveja, que podem ameaçar grupos, levando à dissolução dos jogos de vinculação (Caillé, 2002). Para Sabourin (2011), assim como a troca capitalista, as práticas de reciprocidade conhecem alienações - ainda que de natureza diferente da economia de troca capitalista-, que necessitam de mais estudos para uma melhor compreensão. No entanto, elas permitem que vínculos possam ser mantidos, reinventados, remodelados. Os diferentes acordos/desacordos comprovam a presença de emoções e como elas podem ser transformadas.

5. Emoções e EPC

Mesmo podendo ser considerada à margem em estudos mais recentes de EPC, as emoções não foram ignoradas por pensadores caros a esse campo – como já mencionado. Basta lembrar que Marx, ao manejar conceitos como fetiche da mercadoria, alienação, ideologia, exploração e outros, tratava, também, de emoções.

Quando Gramsci pensou a importância das emoções na política, em particular nos processos revolucionários, sem perder de vista a perspectiva materialista e dialética de Marx, refletiu sobre o que mobiliza a classe trabalhadora pensando o partido político como uma ideia-força capaz de unir teoria e ação, alinhando emoção e razão, e compreendendo a paixão política revolucionária como algo dialeticamente relacionado à razão (Coutinho, 2020).

Ainda podemos lembrar clássicos das ciências sociais como Durkheim (2001), que conceituou fato social como as maneiras de ser, pensar, **sentir** e agir de dada sociedade (grifo nosso).

Podemos supor que a ideia de escamotear a emoção e valorizar a razão num mundo capitalista neoliberal em busca do progresso, dialoga com a ideia de sufocar o político e destacá-lo do econômico – como acontece quando a Economia se esquia de ser uma Economia Política. Ambos os casos se relacionam à predominância do pensamento funcionalista administrativo requerido pelo crescimento do capitalismo e sua natureza

repressiva.

Quando promoveu a crítica da Economia Política, ainda no século XIX, Marx influenciou o florescimento do viés crítico nos estudos, que passa por fases de maior ou menor aceitação ao longo dos tempos e de acordo com os contextos históricos. Muitos autores consideram que desde a segunda metade século XX, o viés crítico tem sido negligenciado e a interpretação conservadora dos acontecimentos econômicos tem sido dominante. Para Zaiat (2012, p. 11) “a ortodoxia coincide com a ordem natural em um mercado livre”. O autor lembra que um mercado livre é uma situação ideal – e uma situação ideal é um universo econômico inexistente. Baran e Sweezy, observando na economia ortodoxa um raciocínio exageradamente matemático, que despreza problemas sociais de cada momento histórico, foram mais taxativos ao afirmar que “a economia que emerge na segunda metade do século XX é “antihistórica até a medula” (Baran; Sweezy, 1968, p. 29).

Alguns estudos reclamam que a EPC ocupe um espaço menor no que merece no elenco das teorias da comunicação. Autores que se tornaram referência nesse campo teórico, como Mauro Wolf (2008), por exemplo, que listam teorias da comunicação de modo quase enciclopédico, não incluem a EPC em suas listas. Na América Latina os estudos de EPC ficaram, na maioria dos casos, marginalizados da agenda curricular (Herscovici; Bolaño; Mastrini, 2000).

Tornou-se muito utilizada a definição de Mosco (1996, p. 25) para Economia Política da Comunicação e da Cultura como “[...] estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder que mutuamente constituem a produção, distribuição e consumo dos recursos”. Para Bolaño (Martins; Valente, 2020, p. 98) essa definição “não está errada, mas não avança tanto no projeto de constituir um pensamento marxista sobre o tema na perspectiva do materialismo dialético”. Este estudioso tem preferido pensar a Economia Política da Comunicação e da Cultura como “o estudo das relações de produção capitalistas relativas à estrutura dos sistemas de mediação social, tendo por pressuposto o desenvolvimento das forças produção” (Martins; Valente, 2020, p. 98). Nessa definição há um destaque para as estruturas de mediação social, o que, segundo Bolaño, implica em uma ampliação do ferramental crítico da Economia Política. Em entrevista a Martins e Valente (2020, p. 99), sobre a definição de Economia Política da Comunicação e Cultura e sua relação com plataformas digitais, Bolaño acrescentou:

Hoje, a questão técnica se sobrepõe a outras porque estamos em plena mudança estrutural e a nossa obrigação, como pensamento crítico marxista, deve ser colocá-la na sua real dimensão. Ela está relacionada com a mudança estrutural, mas o mais importante para o nosso campo de estudos – diferente das áreas técnicas da informação, ou para a engenharia – **são as relações humanas.** (grifo nosso).

Para pensar em como se pode ampliar a crítica, pode-se recorrer ao próprio Marx (2008, p. 234), que em sua contribuição para a crítica da economia política, já afirmava: “a economia política burguesa só conseguiu compreender as sociedades feudais, antigas e orientais, no dia em que empreendeu a autocrítica da sociedade burguesa”. Herscovici, Bolaño e Mastrini (2000) advogam que se faz necessário à EPC buscar novos argumentos que se contraponham ao sucesso de formatos neoconservadores.

Com base nesses argumentos e no que foi discutido no espaço (limitado) deste artigo, sugerimos, como mais um caminho, que a EPC considere a categoria emoções – ou a recuperação da importância desta – nas análises sobre produção de comunicação, mercantilização de conteúdos, consequências da concentração dos meios de comunicação, plataformação do trabalho e da vida, centralidade das diferentes formas de mídia, desinformação – entre outros temas -, para contribuir com análises fecundas

que não ignorem o papel que as emoções, sempre presentes e em circulação, desempenham.

Considerações finais

As emoções, por um tempo deixadas de lado nos estudos dos fenômenos sociais, voltam a ser uma perspectiva (re)utilizada desde as décadas finais do século XX, dando abertura ao reconhecimento de vínculos sociais, microvínculos e sociabilidades desenvolvidas nas atividades e modos de vida experimentados. Essa perspectiva consente na ocorrência de sentimentos diversos nas atividades realizadas e nos fenômenos sociais, que devem ser levados em conta na compreensão de ações.

Nesse estudo tratamos de conceitos-chave e fizemos um percurso histórico que permite compreender porque a categoria emoções foi sendo marginalizada, embora esteja presente em estudos clássicos. Para compreender uma certa marginalização das emoções nos estudos, apontamos uma pretensa separação entre razão e emoção, com consequente valorização dos aspectos racionais, presente tanto na base da concepção moderna de ciência como na disseminação do modelo neoliberalizante, que valorizou cálculos de interesses econômicos e técnicos, onde a emoção foi vista como algo que contaminaria os ideais de eficiência e produtividade.

Outro fato que ajuda a explicar um distanciamento das emoções nos estudos é uma alegada dificuldade de se fazer a ligação entre corpo teórico, dados empíricos e aporte metodológico nos estudos de modo a constituir uma pesquisa com validade científica. Reconhecemos esse desafio. No entanto, discutimos aqui autores, objetos e métodos de estudos que estão enfrentando a questão.

Seguimos a perspectiva de Ahmed (2017), que entende emoções não como propriedades privativas de indivíduos, mas como forças que se manifestam nas relações, circulando e impregnando pessoas, ambientes, ações; sendo um fenômeno social e que não permanece como dado abstrato, mas se torna um fenômeno concreto.

Avançamos para a compreensão de vínculos sociais e ideias de reciprocidade, conceitos também deixados de lado pelo modelo capitalista neoliberal – o mesmo que prefere enxergar apenas Economia onde há Economia Política.

Ao refletir sobre um certo abandono da categoria emoções nas análises das ciências sociais de modo geral, incluímos a própria em EPC, mesmo que a emoção esteja presente em formulações clássicas adotadas por esse campo. Ao mesmo tempo, apontamos para uma retomada dessa categoria analítica, ultrapassando a disciplina Psicologia e encontrando espaço também numa Sociologia, Antropologia e Filosofia das emoções. Por fim, sugerimos um “reencontro” da EPC com as emoções.

O próprio título desse estudo – Quem tem medo das emoções? – é, em si, uma provocação, uma vez que o medo é uma emoção e, como aqui defendemos, a emoção já está presente, mesmo quando não a nomeamos.

Em seu viés crítico, a EPC considera que a Economia Política ortodoxa se constituiu em um campo rígido de estudos, autocentrado, praticando uma “economia econômica”, e não desenvolvendo de fato uma economia política. Ao deixar de lado as emoções, estaria a EPC incorrendo em um problema de mesmo tipo? Ao deixar de lado as emoções estaria a EPC aprisionando o materialismo histórico dialético e praticando, ela também, uma economia econômica?

Algumas questões suscitadas merecem investigações mais aprofundadas que as permitidas pela limitação de espaço desse artigo, merecendo ser desdobradas. Esperamos

que a contextualização, conceitos e inquietações aqui abordados contribuam com a reflexão nos estudos e ajudem a reconhecer que prescindir das análises das emoções pode significar deixar incompleto o potencial crítico da EPC num momento em que emerge uma diversidade de fenômenos que podem encontrar abrigo num campo de estudos que articule EPC e emoções, não como algo estranho à EPC, mas, quem sabe, como um reconhecimento a pensadores clássicos desse campo.

Referências bibliográficas

AHMED, S. **La política cultural de las emociones**. Cidade do México: Universidade Nacional Autónoma de México, 2017.

BASTOS, P. N. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. **Matrizes**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 193-220, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v14i1p193-220. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/157540> Acesso em: 15 out. 2023.

BARAN, P.; SWEEZY, P. **Monopoly Capital**. Nova York: Monthly Review Press, 1968.

BERNARD, J. Les voies d`approche des émotios, **Terrains/Théories**, n 2., 2015. Disponível em: <http://teth.revues.org/196>. Acesso em: 5 jun. 2023.

BERNARD, J. **La concurrence des sentiments**. Paris: Métailié, 2017.

BOLAÑO, C. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Polis, 2000.

BOLAÑO, C. O império contra-ataca. **Textos para discussão III**. Eptic: Economia política das tecnologias da informação e da comunicação. Sergipe, 2002, p. 1-30.

BOLAÑO, C. Desafios da economia política da informação, da comunicação e da cultura frente às inovações tecnológicas e a mudança social: a atual batalha epistemológica do pensamento crítico latino-americano. In: BRITTOS, V. C. (Org). **Economia política da comunicação: estratégias e desafios no capitalismo global**. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 59-75.

BONELLI, M. da G. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu**, n. 22, Campinas. jan./jun, 2004.

CAILLÉ, A. Dádiva e associação. In: MARTINS, P.H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 191-205.

CAMPELLO, F. **Crítica dos afetos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

CEFÄI, D. Os novos movimentos de protesto na França: a articulação de novas arenas públicas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 72, out. 2005. p. 129-160.

CEFÄI, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, fev. 2009. p. 11-48.

CEFÄI, D. Como uma associação nasce para o público: vínculos locais e arena pública em torno da associação La Bellevilleuse em Paris. In: CEFÄI, D. *et al* (Orgs). **Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 67-101.

COUTINHO, E.G. **A paixão segundo Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2020.

DAHLGREN, P. **Media and political engagement: citizens, communication and democracy**. Nem York: Cambridge University Press, 2011.

- DESCARTES, R. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DOSSE, F. **O império do sentido**: a humanização das ciências humanas. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar: 1999.
- FREUD, S. **Psicologia de Grupo e a análise do ego**. Dois verbetes de enciclopédia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GAIGER, L.I.G. **A descoberta dos vínculos sociais**: os fundamentos da solidariedade. São Leopoldo: Unisinos, 2016.
- GODBOUT, J. Homo donator versus homo economicus. In: MARTINS, P.H. (Org.). **A dívida entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 63-97.
- GRECO, M.; STENNER, P. **Emotions**: a social Science reader. New York: Routledge, 2008.
- HALL, C. **The trouble with passion**. New York: Routledge, 2005.
- HERSCOVICI, A.; BOLAÑO, C.; MASTRINI, G. **Economia Política da Comunicação**: uma apresentação. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15407782-Economia-politica-da-comunicacao-e-da-cultura-uma-apresentacao.html>. Acesso em: 10 out. 2023.
- HOCHSCHILD, A.R. **The managed heart**: commercialisation of human feeling. Berkeley: University of California Press, 1983.
- HONNETH, A. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- KIRSCHNER, T.C. Lembrando Norbert Elias. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.** Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. V.7, n.1-2, 1999, p.27-58. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27794>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- LE CAM, F.; RUELLAN, D. **Émotions de journalistes**: sel et sens du métier. Presses universitaires de Grenoble, 2017.
- LORDON, F. **A sociedade dos afetos**: por um estruturalismo das paixões. Campinas, SP: Papius, 2015.
- MARTINS, H.; VALENTE, J. Entrevista com César R. S. Bolaño. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, 22(1), 97–105, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/12986> Acesso em: 09 out. 2023.
- MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MOSCO, V. **The political economy of communication**. Londres: SAGE, 1996.
- POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SABOURIN, E. Teoria da reciprocidade e socioantropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, mai-ago. 2011. p. 24-51.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SCHEFF, T. J. **Emotions, the Social Bond, and Human Reality**: Part/Whole Analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VANDENBERGHE, F. **Ser ou não ser afetado**. 2017. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2017/11/02/debate-ser-ou-nao-ser-afetado-por-frederic-vandenberghe/>. Acesso em: 12 de out. 2018.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZAIAT, A. **Economia a contra mano**: como entender la economia politica. Buenos Aires: Planeta, 2012.